



Marie Benedict

Autora best-seller do *The New York Times* de *A única mulher*

Planeta O MISTÉRIO DE AGATHA CHRISTIE

Romance baseado em um dos episódios mais intrigantes da história da literatura: o desaparecimento, por onze dias, da autora Agatha Christie

 Planeta

PREÇO ANTECIPADO POR DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Marie Benedict

O MISTÉRIO DE AGATHA CHRISTIE

Tradução
Isadora Prospero



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Marie Benedict, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright de tradução © Isadora Prospero
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Mystery of Mrs. Christie*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Thais Rimkus e Bárbara Prince
Diagramação e projeto gráfico: Marcela Badolatto
Capa: Valentina Brenner | Foresti Design
Fotografia de capa: Suzy Hazelwood | Pexels

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Benedict, Marie
O mistério de Agatha Christie / Marie Benedict; tradução de Isadora Prospero. - São Paulo: Planeta, 2021.
320 p.

ISBN 978-65-5535-485-0
Título original: *The Mystery of Mrs. Christie*

1. Ficção norte-americana 2. Christie, Agatha – 1890-1976 - Ficção I. Título II.
Prospero, Isadora

21-3386

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

 Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

PARTE I



Planeta

Capítulo 1

O MANUSCRITO

12 de outubro de 1912
UGBROOKE HOUSE, DEVON, INGLATERRA

Eu não poderia ter escrito um homem mais perfeito.

— Perca seu cartão de dança — uma voz sussurrou para mim enquanto eu atravessava a aglomeração até a pista de dança.

Quem diria algo assim? Especialmente porque eu estava de braço dado com Thomas Clifford, um parente distante dos meus anfitriões, lorde e lady Clifford de Chudleigh, e o alvo da atenção intensa das damas solteiras no baile em Ugbrooke House.

Impertinente, pensei comigo mesma, *até rude*. Imaginei o escândalo que seria se meu parceiro de dança o tivesse ouvido. Pior ainda, e se meu parceiro de dança fosse o homem certo para mim – nosso Destino, como minhas amigas e eu gostávamos de descrever maridos em potencial – e desistisse de me cortejar? Mesmo assim, senti um arrepio me atravessar e me perguntei quem ousaria dizer tal insolência. Virei na direção da voz, mas as notas da “Sinfonia n. 1” de Elgar começaram a tocar, e meu parceiro me conduziu à pista.

Enquanto dançávamos a valsa, tentei identificar o homem em meio à gente aglomerada nos cantos do vasto salão

de baile. Mamãe me censuraria por não prestar atenção no jovem sr. Clifford, porém, segundo os boatos, aquele cavalheiro, um bom partido com boas conexões, precisava se casar com uma herdeira e não podia ter interesse legítimo em mim. Eu era praticamente destituída, tendo apenas a herança da Vila Ashfield para oferecer, uma propriedade que muitos considerariam uma maldição em vez de uma bênção, em particular porque eu não possuía os meios para mantê-la, e a vila tinha necessidade de reparos constantes. O sr. Clifford certamente não era uma oportunidade perdida. Mas eu não tinha dúvida de que a oportunidade se apresentaria de fato. Não era esse o destino de todas as garotas? Serem arrebatadas por um homem, então arrebatadas pela maré de nosso Destino?

Dezenas de homens em trajes de gala estavam em pé no canto do salão dourado, mas nenhum parecia um candidato provável a um convite tão atrevido. Até que o vi. De cabelos loiros e ondulados, ele esperava nas margens da pista, com os olhos em mim. Não o vi entabular conversa com nenhum cavalheiro nem tentar acompanhar alguma das damas até a pista. Fez um único movimento quando foi até a orquestra e falou com o condutor, então voltou ao seu posto no canto.

As últimas notas da orquestra soaram, e o sr. Clifford me acompanhou de volta a meu lugar, perto de minha querida amiga Nan Watts, que estava sem fôlego após uma volta rápida pelo salão com um conhecido de rosto corado dos pais. Quando a música seguinte começou e um jovem cavalheiro exuberante apareceu para levar Nan, espiei o livreto de dança que pendia de meu punho por um cordão de seda vermelha para ver quem era meu próximo par.

Senti a mão de alguém em meu pulso. Ergui meu olhar para os olhos azuis intensos do homem que estivera me encarando. Puxei a mão de volta instintivamente, mas de alguma forma ele tirou o cartão de dança do meu pulso e entrelaçou os dedos nos meus.

— Esqueça seu cartão apenas por uma música — disse, em uma voz baixa e rouca que reconheci como sendo a do jovem descarado de alguns minutos antes.

Não conseguia acreditar no que ele pedia e estava chocada que tivesse tomado meu cartão. Não era aceitável permitir que um homem interrompesse a escalação do seu cartão de dança, mesmo quando este tivesse sumido.

Pensei ouvir as notas características de uma música famosa de Irving Berlin. Parecia “Alexander’s Ragtime Band”, mas eu sabia que devia ter me enganado. Lorde e lady Clifford jamais teriam pedido aquela música moderna para sua orquestra. Na verdade, imaginei que ficariam irados com esse desvio do protocolo; músicas clássicas e sinfônicas – combinadas com danças morosas que jamais inflamariam as paixões dos jovens – eram a ordem do dia.

Ele observou minha expressão enquanto eu ouvia a música.

— Espero que goste de Berlin — disse, com um sorrisoinho satisfeito.

— Você arranjou isso? — perguntei.

Um sorriso encabulado se abriu em seu rosto, revelando covinhas.

— Eu ouvi quando disse a sua amiga que queria algo mais moderno.

— Como conseguiu? — Eu estava chocada não só com sua audácia, mas com sua determinação.

Era, bem... lisonjeiro. Ninguém jamais fizera um gesto tão grandioso por mim. Certamente, nenhum dos variados pretendentes que minha mãe tentou arranjar no Cairo quando debutei na sociedade, dois anos antes, um expediente necessário porque o custo de debutar em Londres – os inúmeros vestidos na moda, as festas a que se ia e que se davam, o preço de alugar uma casa pela temporada – era alto demais para as circunstâncias limitadas de mamãe. Nem o querido Reggie, que a vida toda fora o gentil irmão mais velho das minhas amigas, as irmãs Lucy, mas só recentemente se tornara muito mais que um amigo da família, havia despendido esforço parecido. Reggie e eu tínhamos chegado a um acordo – entre nós dois e com nossas famílias – de que nossa vida e nossas famílias um dia se ligariam pelo casamento. Um casamento futuro e amorfo, mas, ainda assim, um matrimônio. Mas, naquele momento, vendo nossa união no contexto do cortejo ousado, parecia algo plácido, mesmo que confortável.

— Isso importa? — ele perguntou.

De repente, senti-me sobrecarregada. Baixando os olhos enquanto um rubor intenso tomava meu rosto, balancei a cabeça.

— Espero que dance comigo. — O tom dele era baixo e firme.

Apesar de ouvir a voz de mamãe na cabeça me desencorajando de dançar com um homem a quem eu não tinha sido formalmente apresentada, mesmo que ele tivesse arranjado um convite ao baile da Ugbrooke House e destruído meu cartão de dança, eu respondi:

— Sim.

Afinal, pensando bem, que perigo uma dança poderia oferecer?

Capítulo 2

DIA 1 APÓS O DESAPARECIMENTO

Sábado, 4 de dezembro de 1926
HURTMORE COTTAGE, GODALMING, INGLATERRA

A precisão da mesa de desjejum dos James inspira nele uma sensação de retidão e contentamento que raramente sentiu desde que voltou da guerra. Os talheres reluzentes estão dispostos ao lado da porcelana Minton, cada utensílio alinhado exatamente com o seguinte. Os pratos gravados de forma delicada em um padrão Grasmere, se ele não está enganado, se encontram a impecáveis cinco centímetros da beirada da mesa, e um arranjo floral – um misto da estação (contido, mas elegante), com frutas do inverno e folhas verdes – foi disposto no centro. *Por Deus*, ele pensa, *este é o tipo de ordem que pode deixar um homem à vontade*.

Por que seu lar não tem esse nível de perfeição? Por que ele tem que ser constantemente agredido pela falta de rigor doméstico e pelas emoções e necessidades de seus habitantes? Com esses pensamentos, uma indignação virtuosa floresce em seu interior, e ele se sente perfeitamente justificado.

— Acredito que isso pede um brinde — anuncia seu anfitrião, Sam James, com um aceno para a esposa, Madge.

Ela, por sua vez, gesticula para a criada de uniforme, que pega uma garrafa de champanhe gelando em um balde de cristal no aparador.

— Archie, queríamos brindar a seus planos ontem à noite, mas a visita inesperada do reverendo... — Madge começa a explicar.

Um tom claro de rosa começa a se espalhar pelas bochechas de Nancy e, embora ela fique adorável com as faces ardendo, Archie entende que o foco dos James na situação deles é a causa de seu desconforto. Ele, então, no intuito de reconfortá-la, ergue a mão e diz:

— O gesto é muito apreciado, minha querida Madge, mas não é necessário.

— Por favor, Archie. — Madge mantém-se firme. — Estamos muito contentes com os seus planos. E vocês terão poucas oportunidades de celebrar.

— Insistimos. — Sam ecoa a esposa.

Protestar ainda mais seria descortês, o que Nancy entende implicitamente. O senso de decoro é uma qualidade que eles compartilham, e ele fica satisfeito ao vê-lo nela. Torna desnecessária a mão firme garantindo a decência, que ele tem de exercitar em todos os outros campos da vida. Em sua casa, em particular.

— Sam e Madge, obrigado, seu apoio significa muito para nós — ele responde.

Nancy assente em concordância.

As taças de cristal borbulham com o champanhe cor de mel enquanto a criada serve cada um deles. Assim que ela termina a última taça, uma batida soa na porta da sala de jantar.

— Perdoe a interrupção, senhor — diz a voz de uma mulher, com um forte sotaque do interior, através da porta fechada —, mas há uma ligação para o coronel.

Ele troca um olhar confuso com Nancy. Não esperava uma chamada tão cedo – nem esperava uma chamada –, especialmente porque tinha mantido seu paradeiro naquele fim de semana tão secreto quanto possível. Pelo motivo óbvio. Nancy baixa sua taça e dá um toque gentil no cotovelo dele sobre a toalha de linho imaculada. É um reconhecimento silencioso da preocupação mútua sobre a ligação.

— Perdoem-me — ele diz com um aceno aos anfitriões, que baixam suas taças de volta à mesa. Erguendo-se, abotoa o paletó e assente para Nancy com uma confiança que não sente. Sai da sala de jantar a passos largos, fechando silenciosamente a porta atrás de si.

— Por aqui, senhor — diz a criada.

Ele a segue até uma saleta escondida sob a escadaria principal de Hurtmore Cottage, embora chamar a mansão grandiosa de casa de campo seja enganoso. Ali, o telefone castiçal, com o receptor sobre a mesa, o aguarda.

Sentando-se na cadeira à frente, ele leva o receptor ao ouvido e o bocal aos lábios. Mas só fala quando a criada o deixa sozinho, fechando a porta.

— Alô? — Ele odeia a incerteza que ouve em sua voz. Nancy preza sua confiança acima de tudo.

— Perdão, senhor. Aqui é Charlotte Fisher.

Que diabos Charlotte está pensando, ligando para ele ali? Ele tinha confiado seus planos de Hurtmore Cottage a ela com as admoestações mais severas. Embora tenha se esforçado muito em meses recentes para conquistar a simpatia da secretária e governanta da família – será necessário, ele acredita, para efetuar a transição suave pela qual ele espera –, não faz questão de ser delicado e manter a raiva longe da voz. Quaisquer que sejam as consequências.

— Charlotte, achei que a tinha instruído a não me contar aqui exceto em caso de grave emergência.

— Bem, coronel — ela balbucia —, estou no saguão de Styles, ao lado do agente Roberts, da polícia.

Charlotte para de falar. Ela acha mesmo que a mera menção da presença de um agente de polícia em sua casa deve explicar tudo? O que quer que ele diga? Ela espera que Archie fale algo e, no silêncio, ele é tomado pelo terror. Não encontra palavras. O que ela sabe? Mais importante, o que o policial sabe? Cada palavra parece uma armadilha que ele vai disparar.

— Senhor — Charlotte diz quando Archie não responde.

— Acredito que isso se qualifique como uma grave emergência. Sua esposa está desaparecida.

